

**Capitão América vs. Capitão América:
Disputas sobre a “real” imagem dos Estados
Unidos**

**Captain America vs. Captain America:
Disputes about the “real” image of the United States**

*Rodrigo Aparecido de Araújo Pedroso*¹

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), professor de História na rede pública de ensino da Prefeitura Municipal de São Roque (SP). E-mail: ropedroso@alumni.usp.br

RESUMO

Steve Rogers o Capitão América original, é um personagem patriótico de histórias em quadrinhos criado em 1941 durante a Segunda Guerra Mundial e que ao longo de seus 80 anos de existência tornou-se um símbolo identitário estadunidense. Representando ideias que deveriam inspirar e orientar seus leitores a serem cidadãos melhores. A partir disso, a ideia central deste texto é apresentar e analisar narrativas onde ele teve que enfrentar outras versões de si mesmo nos anos 1970 e 1980. E como esses confrontos foram utilizados para definir – mesmo que temporariamente – valores que são considerados “falsos” e/ou “errados” em contraposição aos valores “verdadeiros” apresentados e incorporados pelo Capitão original.

PALAVRAS-CHAVE: Capitão América; Identidade; Patriotismo; Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

Steve Rogers, the original Captain America, is a patriotic comic book character created in 1941 during World War II and who throughout its 80 years of existence has become an American identity symbol. Representing ideas that should inspire and guide its readers to be better citizens. From this, the central idea of this text is to present and analyze narratives where he had to face other versions of himself in the 1970s and 1980s. In addition, how these confrontations were used to define – even if temporarily – values that are considered “false” and/or “wrong” as opposed to the “true” values presented and incorporated by the original Captain.

KEYWORDS: Captain America; Identity; Patriotism; Comics.

Introdução

O presente texto tem como objetivo analisar algumas mudanças sofridas pelo personagem Capitão América desde sua origem na década de 1940 até o final da década de 1980. A princípio, irá expor brevemente como era o personagem em seu início, durante a Segunda Guerra, e sua relação com esse contexto. Posteriormente, o texto focará nas mudanças vivenciadas pelo personagem durante os anos 1950, quando este se tornou um violento e implacável “esmagador de comunistas”. Na sequência, será analisado o retorno do personagem em 1964, na revista *The Avengers* n. 4, escrita por Stan Lee e ilustrada por Jack Kirby, momento em que o passado do personagem pós-1945 é ignorado. E fica estabelecido que o Capitão original, Steve Rogers, não retornou da Segunda Guerra, ele desapareceu em combate e posteriormente foi encontrado congelado pelo grupo de super-heróis os Vingadores. Essa mudança renega diversas aventuras do personagem publicadas entre 1945 e 1954, principalmente as de 1954, as mais controversas, já que apresentam um Capitão América anticomunista. Esse período da trajetória do personagem foi atribuído a uma cópia do Capitão original, chamada William Burnside, que voltou às histórias como vilão em 1972 e 1979. Ao final, será analisado o embate entre Steve Rogers e seu novo substituto John Walker, um herói patriota mais agressivo e motivado por fama e fortuna.

A ideia central desta pesquisa é discutir a relação entre o Capitão América original e essas versões do personagem, e, a partir disso, analisar quais valores são considerados “falsos” e/ou “errados” em contraposição aos valores “verdadeiros” apresentados e incorporados pelo Capitão original.

Quem é o Capitão América?

O Capitão América é um personagem patriótico que fez sua estreia nas histórias em quadrinhos (HQs) em março de 1941, criado pelos artistas Joe Simon² e Jack Kirby³, sob encomenda da editora estadunidense Timely Comics⁴. As HQs narram as aventuras de Steve Rogers, um jovem patriota que desejava se alistar no exército dos Estados Unidos e foi rejeitado devido a sua estrutura física. No entanto, voluntariou-se para ser cobaia em um projeto secreto que buscava criar um supersoldado por meio da injeção de um soro experimental. O procedimento obteve sucesso e deu a Steve uma superforça e uma superagilidade, dando origem ao Capitão América. Desde o início de sua trajetória, o personagem atuou como um adversário dos nazistas, fato que fica claro pela capa da primeira edição da HQ, que traz o Capitão dando um soco no rosto de Adolf Hitler (fato que não ocorre na história dessa revista). Na luta contra os nazistas, o Capitão contava com ajuda de seu amigo Bucky.

O Capitão América é um dos muitos personagens patrióticos dos quadrinhos estadunidenses, porém tornou-se um dos mais conhecidos longevo, pois os outros tiveram pouco sucesso e um histórico de publicações impreciso e errático. A criação do personagem está relacionada à Segunda Guerra Mundial e à possível entrada dos Estados Unidos no conflito, temas que mobilizavam e preocupavam diversos setores da sociedade no período. De acordo com a

² Joseph Henry “Joe” Simon (1913-2011), cujo nome de batismo era Hymie Simon, foi um dos grandes artistas dos quadrinhos estadunidenses. Criou, escreveu e desenhou para diversas editoras do ramo, no entanto, o Capitão América segue sendo sua criação de maior sucesso e reconhecimento.

³ Pseudônimo de Jacob Kurtzberg (1917-1994), um roteirista e desenhista de quadrinhos que é o cocriador do Capitão América. Nos anos 1960, em parceria com Stan Lee, criou diversos personagens do que viria a ser o Universo Marvel, compartilhado por super-heróis com poderes variados.

⁴ Timely Comics é o nome original da editora que viria a ser a Marvel Comics, que também já utilizou o nome Atlas Comics.

historiadora Priscilla Ferreira Cerencio, o Capitão América tornou-se o super-herói patriótico mais conhecido e popular dos Estados Unidos “porque combateu inimigos diretamente relacionados com o mundo real, mas que, devido à distância, estavam mais presentes no imaginário do que no cotidiano [...]” (CERENCIO, 2011, p. 71). Para a autora, o que diferenciou e garantiu o sucesso do personagem foi sua luta imediata contra os nazistas, e posteriormente contra os japoneses. De certa forma, os quadrinhos do Capitão América “adiantaram” em alguns meses a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, que só ocorreu em dezembro de 1941 após o ataque japonês a Pearl Harbor, base naval estadunidense. Outro fator que Cerencio destaca como responsável pelo sucesso do personagem é o apelo propagandista de sua revista. As HQs do Capitão – e de outros personagens – foram massivamente usadas para arrecadar dinheiro para ajudar as tropas estadunidenses, por meio do incentivo à compra de títulos e selos de guerra e também convidando os leitores a entrarem para o fã-clubes de nome “Sentinelas da Liberdade”⁵, que tinha parte da taxa de adesão revertida para ajudar os Estados Unidos na guerra (Ibid., p. 76-119).

Essa versão inicial do Capitão América é caracterizada por um grande maniqueísmo e estereotipação dos inimigos, no caso nazistas e japoneses. Os inimigos do Estados Unidos à época eram representados com feições monstruosas: nazistas geralmente eram representados como homens feios e que usavam monóculos; e japoneses eram apresentados de maneira semelhante, mas, normalmente, com presas e unhas enormes⁶. Além disso, eram

⁵ *Sentinels of Liberty*, em inglês, é o nome do fã-clubes oficial do Capitão América criado pela editora da HQs. De acordo com a propaganda na primeira edição de *Captain America*, os leitores deveriam enviar 10 centavos de dólar para a editora para se tornar membros do clube e ajudar o Capitão a combater os “espiões inimigos”.

⁶ Para maiores detalhes sobre essas representações dos inimigos, recomendamos a leitura do artigo de MOSER, John E. Madmen, Morons, and Monocles: the portrayal of the Nazis in Captain America. In: WEINER, Robert G. (org.) *Captain America and the Struggle of the Superhero: critical essays*. North Carolina: MacFarland & Company, 2009.

representados como pessoas incompetentes com planos megalomaníacos fadados ao fracasso, e a interferência do Capitão, em muitos casos, era apenas para punir os envolvidos. Em diversos momentos o personagem deixava que os inimigos morressem ou indiretamente causava a morte deles.

Podemos afirmar que a intenção principal desse tipo de representação dos inimigos era despertar o medo nos leitores, que assim teriam mais motivos para temer e rejeitar os inimigos (quer dizer, os seres do Eixo), dando maior apoio à guerra, que era representada como uma luta do bem contra o mal (PEDROSO, 2016, p. 91-92).

As narrativas do Capitão América seguiram esse esquema bem-sucedido, maniqueísta e propagandístico até o final da Segunda Guerra, em 1945. Com a derrota das forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), o personagem perdeu seus principais antagonistas. Sem a guerra para motivar suas, a partir de 1945 o Capitão e Bucky tornaram-se combatentes do crime urbano, perseguindo e prendendo assaltantes, mafiosos, traficantes etc. Além disso, gradativamente a Guerra Fria foi se tornando um elemento importante no imaginário estadunidense, e a propaganda anticomunista começou a ganhar força em diversos meios de comunicação. Nesse período o Capitão começou a enfrentar os primeiros vilões classificados como comunistas. Até o grande antagonista do Capitão, o nazista Caveira Vermelha⁷ [*Red Skull*] deixou de lado suas antigas crenças políticas e se tornou um comunista. Essa nova versão do personagem pode ser incluída dentro de uma longa tradição de publicações anticomunistas existentes nos Estados Unidos desde o início da década de 1920. De acordo com

⁷ O Caveira Vermelha é o principal inimigo do Capitão América. Ele tornou-se recorrente nas HQs do Capitão e passou por mudanças que o atualizaram para que continuasse sendo uma ameaça em diferentes contextos. Para maiores informações recomendamos a leitura da dissertação em História intitulada *A história em quadrinhos enquanto representação política: Capitão América e Caveira Vermelha (1941/1999)* de Shesmman Fernandes Barros de Melo, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011, disponível em: <<http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?code=vtls000197084>>.

o historiador Márcio Rodrigues, nesse período inicial da propaganda anticomunista, ela:

[...] serviu aos interesses do governo norte-americano e das classes hegemônicas no sentido de restringir a atuação de sindicatos operários, bem como foi utilizada para interromper o fluxo de imigrantes provenientes do Leste Europeu, considerados como potencialmente radicais (RODRIGUES, 2011, p. 81).

Nas histórias em quadrinhos o anticomunismo ganhou mais força a partir do início da Guerra Fria, em meados de 1947, e foi caracterizado por uma multiplicidade de publicações encomendadas por órgãos governamentais, ou por organizações sociais ligadas a empresas e instituições religiosas. Estes grupos acreditavam que era necessário produzir um material lúdico e didático que alertasse os jovens sobre o “grande inimigo” que se apresentava após a derrota do nazifascismo. Grande parte dos quadrinhos de super-heróis e heróis entraram nessa onda. De acordo com o historiador William Savage Jr. (1998), o anticomunismo estava presente em praticamente todos os tipos de quadrinhos.

Essas, publicações procuravam destacar os perigos do comunismo e de seus agentes infiltrados na sociedade estadunidense. As representações de soviéticos e chineses comunistas seguiam estereótipos usados durante a Segunda Guerra; o inimigo era representado como pessoas feias e muitas vezes com forma monstruosa. Na concepção dessas obras, a forma física “defeituosa” do inimigo tinha relação direta com as ideias defendidas por ele, consideradas também defeituosas. Em compensação, os soldados, agentes e super-heróis dos Estados Unidos eram sempre representados com formas físicas idealizadas consideradas belas, homens fortes, olhos e cabelos claros etc. Havia também uma comparação indiscriminada e proposital entre o nazifascismo e o comunismo. Ambos eram apresentados como regimes totalitários que desejavam dominar o mundo e escravizar e exterminar aqueles que não

estivessem de acordo com seus ideais. Apesar disso, Savage afirma que nas HQs anticomunistas o comunismo era representado como um perigo oriundo de alguns indivíduos e nações fanáticas; não era associado a toda população de um local como ocorreu com os japoneses durante a Segunda Guerra, por exemplo. Além disso, de acordo com o autor elas sugeriam: “[...] que a maioria das nações do mundo poderia escapar da Ameaça Vermelha com apenas uma pequena ajuda de amigos americanos” (SAVAGE, 1998, p. 40, tradução nossa).

O auge do anticomunismo nas HQs do Capitão América ocorreu em 1954 quando a editora Atlas Comics, após um hiato de quatro anos, voltou a publicar as aventuras do Capitão América. Essa nova fase durou apenas três edições, e apresentava o título *Captain America... Commie Smasher [Capitão América... Esmagador de Comunistas]*. O foco principal desses quadrinhos era mostrar como o Capitão e Bucky estavam fazendo tudo o que era possível para identificar e prender, ou punir de forma violenta, os inúmeros traidores e espiões comunistas que estavam infiltrados entre os cidadãos estadunidenses e também em outros países.

As três publicações de *Capitão América* desse período declaradamente anticomunista apresentavam como temática central o combate à espionagem comunista. Entretanto, dentro desse tema podemos identificar outros subtemas que dialogavam, até certo ponto, com questões que também preocupavam, ou deveriam preocupar a sociedade estadunidense. Como a ação dos Estados Unidos e da Organização das Nações Unidas (ONU) na luta contra o comunismo em outros países (China, Coreia, Vietnã e uma nação fictícia na Europa); a ameaça de agentes comunistas a civis estadunidenses ou estrangeiros; e possíveis ataques comunistas ao território dos Estados Unidos. Nas HQs do Capitão América é possível identificar a permanência de uma retórica maniqueísta semelhante a das HQs da Segunda Guerra Mundial. O comunismo e seus agentes representavam o mal e por isso deveriam ser duramente combatidos. Dado o grau de perigo que representavam, era

necessário usar de métodos violentos, como tortura e pena de morte, para combater essa ameaça. Isso fica evidente logo na primeira edição, quando o Capitão deixa um espião morrer queimado e diz: “Ele morreu do jeito que ele queria que o Mundo Livre morresse... Em chamas!” (ROMITA, 1954, p. 7 tradução nossa).

Os temas abordados e o discurso do Capitão América nessas HQs reproduzia basicamente o que foi estabelecido pela chamada “Doutrina Truman”. Em 12 de março de 1947, o presidente Harry S. Truman fez um pronunciamento ao Congresso dos Estados Unidos pedindo a liberação de grandes quantias de dinheiro para ajudar Grécia e Turquia, para afastá-las da influência soviética. O conjunto de medidas relacionados à Doutrina Truman era, em grande parte, baseado em uma distinção maniqueísta entre os países considerados “livres” (do bem) capitalistas e os “totalitários” (do mal) comunistas. Os Estados Unidos, juntamente com a ONU, teriam a obrigação de defender o chamado “Mundo Livre” da expansão do totalitarismo.

Além disso, essa versão anticomunista do Capitão América pode ser associada à campanha extremada de perseguição aos comunistas idealizada e conduzida pelo senador Joseph McCarthy⁸ e seus seguidores, entre os anos de 1950 e 1957. McCarthy é provavelmente um dos agentes mais controversos desse período inicial da Guerra Fria. Sua atuação política foi marcada por uma incessante “caça aos comunistas”, que estariam infiltrados na sociedade, e muitos deles, inclusive, faziam parte do governo. Um indício do exagero de McCarthy é o fato de que ele chegou a pronunciar “um discurso, no qual atribuiu a supostos comunistas infiltrados no Departamento de Estado a culpa pelos reveses da política exterior dos Estados Unidos” (BANDEIRA, 2005, p.

⁸ No início de sua carreira política foi filiado ao Partido Democrata, depois se filiou ao Partido Republicano e foi senador pelo estado de Wisconsin de 1947 a 1957. Informações extraídas de: *Joseph McCarthy: Biography* - Appleton Public Library. Disponível em: <<http://www.apl.org/book/export/html/1012>> Acesso em: 05 mar. 2023.

168). As denúncias de infiltração comunista difundidas pelo senador tinham um tom de veracidade devido a um conhecido caso ocorrido em 1950, “a prisão do cientista Julius Rosenberg e de sua esposa, Ethel Rosenberg, acusados de espionagem em favor da União Soviética” (Ibid.). O casal Rosenberg foi julgado por espionagem e ambos foram executados em 1953. O caso criou um clima de desconfiança, e isso estimulou a imaginação do senador, que foi ainda mais longe em suas acusações, “ele chegou ao ponto de acusar o general George C. Marshall de participar de imensa conspiração comunista” (Ibid.).

Para alcançar seus objetivos políticos, McCarthy usou de sua influência e, também, dos meios de comunicação, que na época estavam direcionados a estabelecer uma eficiente rede de difusão de informações anticomunistas. E veiculavam informações que valorizavam o chamado *American way of life* (modo de vida americano) e o capitalismo em detrimento do modo de vida soviético, classificado como “atrasado e escravizador”, pois submetia as pessoas aos piores tipos de autoritarismo e a privações de bens de consumo. Ted Morgan afirma que apesar de ter sido um período conturbado:

O macarthismo não foi uma epidemia, mas uma série de surtos dispersos. Nunca houve uma purgação por atacado, seja nas universidades, seja no mundo do entretenimento. Em vez de um “reinado de terror” descrito por certos escritores, houve um “reinado de dúvida”, que demagogos como McCarthy se aproveitaram (MORGAN, 2003, p. 547, tradução nossa).

Essa definição do período macarthista como um “reinado de dúvidas” ajuda a entender a necessidade de uma constante propaganda anticomunista que reafirma os valores liberais democráticos capitalistas e construía um grande inimigo externo. A propaganda anticomunista pode ser vista como uma expressão de uma incerteza sobre a estabilidade das instituições democráticas dos Estados Unidos. A constante autoafirmação presente nas HQs *Capitão América*, indica que havia uma grande preocupação de que as instituições e

valores democráticos não fossem sólidos o suficiente para vencer o comunismo. Nesse ponto, os quadrinhos do personagem tinham uma importante função pedagógica, de reforçar as ideias liberais democráticas e de estigmatizar o comunismo como uma ideologia contrária a essas ideias. Vale ressaltar que as instituições políticas dos Estados Unidos procuravam combater o comunismo e o macarthismo ao mesmo tempo, pois ambos eram considerados ameaças ao poder estabelecido. O primeiro por se tratar de um conjunto de ideias que promoveria a emancipação da classe trabalhadora e a consequente derrubada da classe dominante burguesa; e o segundo por promover uma desconfiança sobre a credibilidade dos agentes governamentais e pessoas com algum poder e influência social.

Esse período anticomunista mais extremado do Capitão América não obteve grande sucesso, e a publicação acabou sendo cancelada. Após essa breve fase, seus quadrinhos deixaram de ser publicados por quase dez anos. Até que em março de 1964, o escritor Stan Lee⁹ e o desenhista Jack Kirby o trouxeram de volta à vida. O Capitão América retornou às histórias em quadrinhos na quarta edição da revista do grupo de super-heróis Os Vingadores (*The Avengers*). Nessa narrativa, Lee ignorou todas as aventuras publicadas pós-1945, e criou uma trama que dizia que o verdadeiro Capitão América, Steve Rogers, de fato não havia retornado da guerra. Ele teria desaparecido em combate, e devido a um acidente no ártico teve seu corpo congelado. Quase vinte anos depois, ele foi resgatado e descongelado.

Assim, o Capitão passou a fazer parte do grupo dos Vingadores, e também voltou a protagonizar aventuras solo. Essa nova configuração foi marcada por uma certa inadequação temporal. Steve Rogers era um homem dos anos 1940 vivendo nos Estados Unidos da década de 1960, um período marcado por intensas manifestações por direitos civis e críticas ao governo que o Capitão

⁹ Pseudônimo usado por Stanley Martin Lieber (1922-2018), escritor, empresário e editor de histórias em quadrinhos bastante conhecido nos Estados Unidos.

América sempre defendeu e representou sem questionar. Em muitas aventuras o Capitão tentava se atualizar e compreender melhor o país no qual estava vivendo.

Com o tempo, o Capitão foi adquirindo características liberais progressistas, que remetiam mais a alguns ideais míticos dos Estados Unidos, como o “Sonho Americano” e a liberdade. Entretanto, isso variou de acordo com o roteirista que escreveu suas aventuras e o contexto no qual elas se inseriam. Mesmo vivenciando uma crise existencial, ele não deixava de combater os inimigos que atacavam seu país. Nazistas (ou neonazistas) e comunistas eram inimigos frequentes em suas aventuras entre os anos 1960 e 1970.

O cientista político e pesquisador de quadrinhos Matthew J. Costello afirma que a Marvel Comics e seus super-heróis surgiram extremamente relacionados à Guerra Fria. Alguns eram fruto da ambição pela conquista espacial, como o Quarteto Fantástico, outros adquiriram poderes por meio de acidentes radioativos, como o Homem-Aranha, o Hulk e o Demolidor; e outros tinham suas origens totalmente vinculadas com a guerra e o anticomunismo, como o Homem de Ferro, que surgiu durante a Guerra do Vietnã. De acordo com Costello:

O super-herói da Marvel nasceu na Guerra Fria e tem a retórica da Guerra Fria e seus ideais enraizados em seu DNA de quatro cores. As histórias em quadrinhos da Marvel dos anos 60 levam em conta a identidade nacional consensual, representando uma América valorosa e virtuosa que se defende de comunistas imorais e corruptos empenhados na dominação do mundo. Embora nem todos os quadrinhos tratem diretamente da Guerra Fria, todos os personagens principais que povoam o universo Marvel foram criados entre 1961 e 1964 (as principais exceções são o Submariner¹⁰ e o Capitão América, criados em

¹⁰ Personagem criado em 1939 por Bill Everett, no Brasil conhecido como Namor, ele é o rei de um povo atlante que vive no fundo do oceano. O personagem oscila entre herói e vilão, pois em alguns momentos ele declara guerra à humanidade para defender seu povo.

1941 e revividos no início dos anos 60), e a maioria foi criada como produtos da Guerra Fria ou em circunstâncias da Guerra Fria (COSTELLO, 2009, p. 61, tradução nossa).

Além disso, os personagens da Marvel Comics apresentavam como diferencial características mais humanizadas. Stan Lee, criador e escritor de grande parte das HQs da editora à época, é conhecido por introduzir nas aventuras de seres com superpoderes sentimentos, inquietações e problemas cotidianos comuns a qualquer ser humano. Apesar disso, como afirma Costello, os quadrinhos desse período mantiveram representações estereotipadas de chineses e soviéticos e tinham como foco ressaltar a superioridade bélica e ideológica dos Estados Unidos e do Mundo Livre (Ibid., p. 63). Ou seja, não havia de fato nenhuma grande mudança nesses super-heróis, eles só se apresentavam como seres mais sensíveis, que além de ajudarem seu país, também tinham que resolver problemas pessoais e existenciais. Portanto, os heróis da editora, mesmo que indiretamente, traziam em suas narrativas ideais e sentimentos relacionados à Guerra Fria. Demonstravam, entre outras coisas, que os Estados Unidos eram uma nação repleta de seres especiais e fortes, prontos para proteger o mundo das piores ameaças.

Para Costello, os quadrinhos desse período eram fonte de veiculação de um forte individualismo, já que os personagens eram representados como cidadãos comuns que por algum motivo em particular se tornaram vigilantes:

[...] para buscar a justiça, o super-herói quase que por definição defende o privado sobre o público. Como o homem da fronteira, *cowboy* ou detetives particulares heróis que o precederam, o super-herói tem um senso de justiça mais apurado do que as autoridades legais que são limitadas por procedimentos burocráticos, legalidades ou política (Ibid. p. 65, tradução nossa).

Os heróis das HQs apresentavam o individualismo como elemento fundamental do poder moral e da liberdade promovida pelos EUA. Esse tipo de retórica pode ser identificada facilmente em diversas publicações. No caso do Capitão América, por exemplo, em uma das duas histórias¹¹ em que o personagem foi ao Vietnã, após enfrentar diversas ameaças comunistas ele resgata um soldado estadunidense que questiona por que o Capitão ariscou sua vida por ele, e ocorre o seguinte diálogo: “Soldado: Mas, todo o Mundo Livre precisa de você, Capitão...! Capitão América: Ele precisa de você também, filho! Ele precisa de todos nós!” (LEE; KIRBY, 1965. p. 5, tradução nossa).

Há uma clara repetição das temáticas da década de 1950, porém com um enfoque na importância de cada indivíduo/cidadão/soldado na luta contra o comunismo. A HQ em questão é totalmente focada em mostrar as diferenças físicas e morais entre os comunistas vietnamitas e o Capitão América. Os primeiros são apresentados como seres fisicamente fortes, porém feios, suas ações têm como justificativa mostrar que são melhores que os Estados Unidos e a relação entre soldados é pautada pelo medo, como indicam os quadrinhos nos quais os soldados manifestam o medo de serem punidos por seu general, um lutador de sumô. Já o Capitão é apresentado como um homem altruísta, apesar de um tanto arrogante, empenhado em uma missão, considerada nobre, de resgatar um colega militar. As relações entre os estadunidenses, mesmo dentro da rígida hierarquia militar, são representadas como amigável e não autoritária. Todos os super-heróis são indivíduos muito poderosos que usam suas habilidades para manter o mundo e os Estados Unidos seguros de toda aqueles que os ameaçam. Além disso, essa

¹¹ O Capitão América foi ao Vietnã em dois momentos, o primeiro em 1965, em uma aventura publicada na revista *Tales of Suspence* n. 61; e em 1970, numa aventura publicada em *Captain America* n. 125. Ambas as histórias foram escritas por Stan Lee e mostram o personagem em uma missão de resgate e sem interesse de se envolver na luta armada. Para uma análise dessas duas narrativas ver: PEDROSO, Rodrigo A. Araújo. “A Guerra do Vietnã e suas representações nas histórias em quadrinhos do Capitão América (1965-1970)”. In: *Revista Contemporânea*, ano 5, v. 2, n. 8, 2015 (p. 1-28).

[...] veneração do individualismo na história da Marvel durante a Guerra Fria gera uma lógica para a ideologia dos quadrinhos. Como o valor central é definido como liberdade, o mal central do sistema comunista é o esmagamento da liberdade individual (COSTELLO, p. 67, tradução nossa).

A construção dessa ideologia nos quadrinhos da Marvel Comics também pode ser atribuída a Stan Lee, pois ele foi o editor-chefe da empresa até 1972. Durante o período em que Lee escreveu as aventuras do Capitão América, de 1964 até 1971, foram introduzidas diversas mudanças na vida ficcional do personagem. Além da inadequação temporal, o Capitão tornou-se gradativamente mais reflexivo, e passou a questionar seu papel como símbolo do governo dos Estados Unidos e também, se fosse o caso, o próprio governo. Uma HQ que mostra esse questionamento é a edição 122 da revista *Captain America*, de fevereiro de 1970, em que o personagem indaga-se sobre sua relevância no mundo atual, seu papel como defensor da democracia estadunidense, e se esses ideais ainda têm algum valor. O Capitão se vê vivendo em um tempo no qual seus ideais são ignorados: “Agora há aqueles que desprezam o amor pela bandeira... o amor pelo país! Aquelos para quem patriotismo é apenas uma palavra fora de moda!” (LEE; COLAN, 1970, p. 2, tradução nossa). O herói sente-se perdido em um tempo cheio do que ele classifica como “rebeldes” e “dissidentes”, no qual a tendência não é defender o “*establishment*”, mas sim destruí-lo. “E, em um mundo cheio de injustiça, ganância e guerras sem fim... quem pode dizer que os rebeldes estão errados?” (Ibid., p. 3). Suas lamentações terminam com a seguinte frase: “Deveria ter lutado menos e questionado mais!” (Ibid.).

Essa inquietação do personagem dialoga com diversas mudanças que estavam ocorrendo na sociedade estadunidense entre os anos 1960 e 1970. De modo geral, o período foi marcado pela eclosão de uma série de movimentos por direitos civis – de negros, mulheres, homossexuais, e de outras “minorias” excluídas das políticas oficiais do governo – que além de exigir seus direitos,

pediam o fim da Guerra do Vietnã. Foi um período bem conturbado para os governantes dos Estados Unidos, que ficaram diante de impasses difíceis de serem resolvidos.

Stan Lee é considerado um empresário e escritor atento às mudanças sociais e culturais que podem ser revertidas em maiores vendas de quadrinhos. Por isso, ele introduziu em seus quadrinhos – dentro de suas limitações e de acordo com sua visão particular – temas e personagens que faziam referência e comentavam as mudanças e demandas que se apresentavam. Um exemplo disso é a inclusão de personagens negros nas histórias. No final dos anos 1960, Lee percebeu que as manifestações por direitos civis e o movimento negro representavam demandas sociais que poderiam ser revertidas em produtos. Assim, ele criou, em 1966, aquele que é considerado o primeiro super-herói negro de destaque das HQs, o Pantera Negra (*Black Panther*), e posteriormente introduziu um parceiro negro nas aventuras do Capitão América, o personagem Falcão (*The Falcon*), em 1969.

O Falcão tornou-se tão importante na publicação que seu nome passou a aparecer nas capas das revistas a partir de 1971 até 1978. Em linhas gerais, a parceria entre o Falcão e o Capitão tinha como objetivo divulgar e estimular a cooperação entre brancos e negros. Propunha um caminho não extremado para resolver a segregação racial, e procurava mostrar que, apesar de diferentes, pessoas brancas e negras podem e devem trabalhar juntos para a construção de um Estados Unidos mais justo e democrático.

Essas mudanças introduzidas por Lee fizeram um certo sucesso, mas com o passar do tempo e o excesso de trabalho suas tramas se tornaram repetitivas, e o público foi perdendo o interesse nas HQs do Capitão América. Lee acabou deixando de escrever seus quadrinhos e delegou essa tarefa a outros artistas, e passou a cuidar de outros interesses comerciais da editora.

Steve Rogers contra os outros Capitães América

Em 1972 o escritor Steve Englehart assumiu os roteiros da revista do Capitão América e em sua primeira história ele decidiu preencher uma lacuna deixada por Lee desde de 1964. Se o verdadeiro Capitão América ficou congelado entre 1945 e 1964, quem foi a pessoa que atuou em seu lugar nesse período?

Entre setembro e dezembro de 1972, nas edições de n. 153 a n. 156 da revista *Captain America and The Falcon*, Englehart e o desenhista Sal Buscema criaram uma trama na qual trouxeram de volta o Capitão e o Bucky da década de 1950. Esse Capitão na verdade era o professor universitário William Burnside, um pesquisador e grande fã do personagem original. Burnside em suas pesquisas acabou descobrindo um diário que explicava como reproduzir o soro do supersoldado¹². Então, ele convenceu o governo estadunidense a transformá-lo em um novo Capitão América, juntamente com seu aluno Jack Monroe que se tornaria o novo Bucky, e eles pretendiam ir para a Coreia combater os comunistas. Porém, a guerra da Coreia terminou antes do esperado e o governo decidiu que não precisava mais de um Capitão América. Posteriormente, quando o vilão Caveira Vermelha atacou a sede da ONU, Burnside, que havia feito cirurgias plásticas para ficar parecido com o Capitão original, decide que ele e Bucky devem fazer algo. Injetam em si mesmos o soro de supersoldado e partem para combater o crime e os comunistas, mesmo sem a aprovação do governo dos Estados Unidos.

Contudo, o soro que lhes deu superpoderes também afetou sua mente. Isso ocorreu porque eles não foram expostos aos chamados Raios Vita que estabilizam os efeitos degenerativos do soro. Assim, eles adquiriram um tipo de paranoia e passaram a ver comunistas e inimigos dos Estados Unidos em todo

¹² Essa história é narrada pelo próprio Capitão dos anos 50 na edição n. 155, novembro de 1972.

lugar, mas principalmente entre a comunidade negra e imigrantes latinos e asiáticos. Devido a isso, foram tirados de circulação e congelados até o governo decidir o que fazer com eles.

Em 1972, os dois foram retirados de seu estado de hibernação criogênica por um político não identificado, que temia que a viagem do presidente Richard Nixon à China¹³ fosse um sinal da entrega dos Estados Unidos ao comunismo. Livres, o Capitão e Bucky começam a espancar, sem motivo, cidadãos negros do Harlem (bairro de Nova York) com objetivo de atrair a atenção do Falcão; que acaba sendo preso e torturado pelos insanos personagens dos anos 1950. Eles desejam saber onde está o Capitão América atual para eliminá-lo, pois o consideram um traidor:

Falcão, eu sou o Capitão América! Seu amigo é um esquerdista¹⁴ que enganou o público americano. Que está tentando vender essa grande nação aos Vermelhos! Eu sou a verdadeira força da democracia. E você logo admitirá isso. Ou eu vou estourar seus miolos! (ENGLEHART; BUSCEMA, 1972, p. 9, tradução nossa).

A fala dos dois personagens dos anos 50 é repleta de expressões racistas. Eles menosprezam a população negra do Harlem, porém acabam sendo momentaneamente derrotados por um grupo da comunidade que se reúne para resgatar o Falcão, que após isso tenta avisar o Capitão verdadeiro sobre o perigo que está correndo. No entanto, nesse momento o Capitão original estava

¹³ Em fevereiro de 1972, Nixon foi à China em uma viagem diplomática com a intenção de melhorar a relação entre as duas nações. Do ponto de vista diplomático, a visita foi bem-sucedida, pois resultou em uma maior aproximação entre os países. Nos Estados Unidos essa viagem foi considerada um marco na história das relações internacionais no período da Guerra Fria, mas também foi vista com desconfiança por grupos conservadores anticomunistas que apoiavam Nixon. Para uma análise detalhada dessa viagem, recomendamos a leitura de: TUDDA, Chris. *A Cold War turning point: Nixon and China, 1969-1972*. Louisiana: Louisiana State University Press, 2012.

¹⁴ O texto original utiliza a palavra “pinko” que é uma expressão depreciativa usada para designar aqueles que têm alguma inclinação ou admiração pelo comunismo. Optamos por traduzir para “esquerdista”, um termo que apresenta certa proximidade ao original.

tirando férias na praia com Sharon, sua namorada. As cópias dos anos 50 os atacam de surpresa, o Falcão tenta ajudá-los, mas todos são vencidos e capturados. Na edição n. 156, o Capitão original consegue salvar a todos e parte para uma batalha final contra sua cópia em um local no Havaí. Antes da luta final, o Capitão conversa com um policial e afirma que essa talvez seja sua luta mais difícil. Assustado, o policial diz: “Você está brincando, C.A.? Você já lutou contra tudo, desde o Caveira Vermelha até monstros espaciais!” (ENGLEHART; BUSCEMA, 1972, p. 15, tradução nossa). O personagem não responde verbalmente, mas temos acesso aos seus pensamentos:

Claro, Sargento, mas eu nunca lutei com o lado mal da minha própria natureza. E é isso que ele é afinal de contas... um homem que começou com os mesmos sonhos que eu... e terminou como um superpatriota insano e intolerante! Ele é o que é porque ele me admirava, queria me copiar. Ele não sabe que eu sou o homem que ele idolatrava, mas eu sei disso! De uma forma muito real, sou responsável por todo o mal que ele fez! Agora eu tenho que encará-lo e terminar isso. Mas posso vencer um homem que é meu maior fã? (Ibid., p. 15)

O personagem manifesta uma grande incerteza quanto a suas ações e, de certa forma, reconhece que sua cópia é uma versão do que ele poderia ser, e de fato era se não houvessem mudado sua narrativa. Steve Rogers também se sente responsável por todos os crimes que sua versão macarthista cometeu, mas segue, ainda que inseguro, para a batalha final. Durante o combate final os dois Capitães têm o seguinte diálogo (Figura 1):

Burnside: [...] o traidor Capitão América dos anos 70 e eu, o Cap dos anos 50, o legítimo sucessor do Cap original!

Capitão: Senhor, você é como uma cópia da Mona Lisa, você parece a coisa real, mas seu material é muito barato para enganar alguém. Você acha que eu sou um traidor? Cresça, cara, os tempos mudaram! A América está em perigo por

dentro assim como por fora! Há crime organizado, injustiça e fascismo, ou você não reconheceria isso?

Burnside: Você está me chamando de fascista? Seu rato hipócrita! Você está com medo de enfrentar os comunistas em uma guerra como um homem de verdade! Eu sou um homem de verdade! E vou matar você para provar isso!

Capitão: (pensando) Ele está doente, muito doente, mas ele também é mais forte do que eu! (falando) Senhor, eu não tenho medo de ninguém!

Burnside: Você é um bom lutador, eu admito, mas isso vem com o trabalho, não é? Vejo que a minha ideia, de ter pessoas que personificam o Cap original, pegou depois que eles me afastaram, obviamente, eles teriam escolhido um cara como você! Mas você já era, rato, você só não sabe! Somos ambos cópias da coisa real, mas sou mais forte que você! Eu não tive nenhum raio Vita para me amolecer.

Capitão: É aí que você errou, senhor, porque não somos as duas cópias! Eu sou o Cap original! (Capitão conta sua história, Burnside fica surpreso e é derrotado) (Ibid., p.17).

Figura 1 – Luta final entre os dois Capitães América.



Fonte: ENGLEHART, Steve; BUSCEMA, Sal. *Captain America and The Falcon*. New York: Marvel Comics, n. 156, 1972, p. 17.

As falas do Capitão original indicam que ele é um homem que percebeu que nos Estados Unidos existem problemas internos tão importantes quanto a luta contra o comunismo internacional. Enquanto símbolo patriótico de seu país, ele não pode ignorar esses problemas internos, mas também não consegue dar conta de tudo. Logo, Steve Rogers decidiu que ajudar os cidadãos de seu país era mais importante do que se engajar em uma guerra no exterior, no caso o Vietnã. O Capitão também indica que existe uma crescente tendência fascista

na sociedade estadunidense. Não é possível afirmar que o autor se referisse a algum fato específico do período, até mesmo, porque as HQs do Capitão América são povoadas por vilões nazifascistas. É possível inferir que o autor, por meio do personagem, estivesse manifestando suas preocupações com a crescente onda de conservadorismo e racismo do período.

De acordo com o pesquisador Michael Ahmed, Englehart pode ser considerado um escritor de uma nova geração que começou a trabalhar com quadrinhos durante os anos 60 e que trouxe consigo um novo ponto de vista social e político, oriundo do movimento contracultural do período. Ahmed afirma que nos quadrinhos produzido por Steve Englehart e outros artistas para a Marvel Comics é possível identificar “[...] uma sensibilidade contracultural que abraçava drogas, música rock, psicodelia, política e idealismo antissistema” (AHMED, 2013, p. 157-158, tradução nossa). O autor classifica o trabalho de Englehart na publicação como um marco, pois redefiniu o personagem e de fato o colocou em sintonia com os Estados Unidos dos anos 1970.

Stan Lee havia tentado fazer isso, porém suas mudanças foram limitadas devido ao fato de que o escritor pertencia a uma outra geração. Assim, Lee deixou como “herança” um Capitão América que podemos caracterizar como um herói questionador de seu papel enquanto agente governamental e que, apesar de se sentir temporalmente deslocado, procura se adaptar às novas demandas que o povo de seu país lhe apresenta. Ou seja, é um personagem que se tornou mais aberto ao diálogo, porém não deixa de combater aqueles que considera como ameaças à segurança e aos valores de sua nação. E nos anos finais da década de 1960 além do comunismo, outro elemento que ameaçava os Estados Unidos era a possibilidade de que as manifestações por direitos civis se tornassem motins violentos e originassem uma guerra civil. O Capitão América de Lee manifesta potencial para se tornar um símbolo voltado para garantir a segurança interna do país, e o caminho sugerido pra isso é tentar unir o povo em torno de ideais comuns a todos. Porém, o máximo que Lee conseguiu fazer

foi introduzir protagonistas negros e colocar o Capitão em um dilema moral e existencial, no qual ele não sabia se aderiria a causas dos rebeldes ou se continuava seguindo cegamente as ordens do governo.

Englehart procurou extrapolar essas questões e fez com que o Capitão, momentaneamente, tomasse partido. Isso ocorreu em uma série de histórias posteriores, chamada de saga do “Império Secreto” (*Secret Empire*)¹⁵, na qual o Capitão América investiga e combate uma organização secreta que controla o governo estadunidense. Ao fim da saga, fica subentendido que o líder da organização era o próprio presidente dos Estados Unidos (uma provável referência ao escândalo de Watergate envolvendo o presidente Nixon). Ao descobrir essa verdade, Steve Rogers desiste de ser o Capitão América por um tempo. Depois, ele adota provisoriamente uma nova identidade heroica, e passa atuar como “Nômade, o homem sem país” (*Nomad, a man without a country*)¹⁶. E após reavaliar seu papel como herói e símbolo de seu país, volta a ser o Capitão América.

Portanto, o trabalho de Englehart sobre o Capitão América deve ser visto à luz de uma crescente conscientização dos jovens escritores de quadrinhos, e um aumento no número de leitores com formação universitária (o discurso público de Stan Lee incluía um *tour* muito popular pelas universidades americanas), dos problemas na sociedade americana que incluíam a guerra em andamento no Vietnã, os assassinatos políticos de John e Robert Kennedy, Martin Luther King e Malcolm X, e as ramificações do escândalo de Watergate. A abordagem de Englehart no Capitão América tinha como objetivo destacar especificamente as questões sociais e problemas que ele viu dentro da sociedade americana (AHMED, 2013, p. 158, tradução nossa).

¹⁵ As aventuras dessa fase foram publicadas nas edições 173 até 176, entre maio e agosto de 1974.

¹⁶ Rogers adota essa identidade a partir da edição n. 180, de dezembro de 1974, e a usa até a edição n. 183, de março de 1975.

Com base no excerto, podemos inferir que ao colocar o Capitão América original em combate com sua versão dos anos 1950, Englehart procurou transmitir uma mensagem na qual deixava claro que posturas políticas extremas, racistas e paranoicas não eram mais bem-vindas nos Estados Unidos dos anos 1970. Nas mãos de Englehart o Capitão torna-se um herói mais comprometido com o povo de seu país, principalmente a comunidade negra, e não tanto com as instituições governamentais. O anticomunismo ainda está presente nas HQs, mas a mensagem transmitida é que antes de se preocupar com a União Soviética ou a China o governo deveria resolver seus problemas internos, concedendo liberdade e direitos iguais a todos os cidadãos.

O período de Steve Englehart como roteirista do Capitão América terminou em junho de 1975, na edição n. 186. Ele foi substituído por diversos escritores, entre eles o cocriador do personagem Jack Kirby¹⁷, que estava de volta à Marvel após um período trabalhando para a concorrente DC Comics. Ao reassumir os roteiros e os desenhos, Kirby fez algumas modificações no personagem, ou melhor, desfez as modificações que foram feitas. Nesse período, o personagem foi se tornando menos contestador e suas aventuras eram mais voltadas a mostrar cenas de ação do que expor ideias políticas. Para Kirby, o Capitão representava o “Sonho Americano”, e era uma forma de o autor expor suas interpretações sobre o patriotismo. Kirby era um veterano da Segunda Guerra e suas narrativas eram marcadas por essa experiência.

Em seu período posterior do personagem foram frequentes as aventuras que relembavam a Segunda Guerra e traziam inimigos neonazistas para serem combatidos. Isso fez com que as aventuras do Capitão adquirissem um tom nostálgico e pouco interessante ao público dos anos 1970. Para Michael Ahmed, essa fase de Kirby foi importante para definir a personalidade do Capitão América que seria adotada em publicações subsequentes:

¹⁷ Kirby escreveu as aventuras do Capitão entre janeiro de 1976 e outubro de 1977, correspondente às edições de n. 193 a n. 214.

Kirby notavelmente ignorou a interpretação de Englehart do Capitão América e do Falcão, e, para coincidir com o aniversário do bicentenário dos Estados Unidos, inventou uma história que envolvia as super-heróis frustrando uma trama de conspiradores antiamericanos para destruir a América. Em uma reversão dos sentimentos antissistemas de Englehart, o Capitão América é mostrado lutando em nome do governo americano, e é ajudado por agências governamentais, como o Serviço Secreto e o Exército. [...] Sob a autoria de Kirby, os problemas sociais, raciais e políticos que definiram muitas das histórias de Englehart desapareceram. [...] O papel do Falcão diminuiu gradualmente e o personagem foi silenciosamente descartado, e o gibi voltou ao seu título original, *Capitão América*. Embora o Capitão América de Kirby estivesse mais próximo de sua versão original dos anos 1940, outros escritores seguiram sua interpretação. O Capitão América poderia permanecer crítico do governo americano, mas nunca dos Estados Unidos, ou questionar o Sonho Americano (AHMED, 2013, p. 172, tradução nossa).

Com relação ao excerto, vale salientar que durante o período de Kirby o nome do Falcão ainda aparecia na capa, ele deixou de aparecer na edição n. 223 (julho 1978), escrita por Steve Gerber. A versão de Kirby para o personagem pode ser considerada como uma mistura de identidades que o Capitão já teve, e seu ponto fundamental é a defesa do “Sonho Americano”, mesmo que isso vá contra as instituições governamentais.

Além disso, a forma como Kirby escrevia as histórias estava um pouco ultrapassada e provocou uma significativa queda nas vendas da publicação; assim outros roteiristas assumiram o lugar de Kirby. Entre eles o escritor Roger McKenzie, que a partir da edição n. 226 começa a modificar o personagem. Uma das principais mudanças feitas por McKenzie foi terminar definitivamente com a parceria entre o Capitão e o Falcão. Após uma série de aventuras na qual o Capitão resgata o Falcão, que havia sido capturado por um grupo terrorista chamado de a “Corporação”, eles decidem terminar sua longa parceria, mas continuam a combater o crime individualmente. Outra mudança, está

relacionada à forma como o Capitão dialoga com as instituições de seu país. Em uma entrevista, quando questionado sobre quais eram suas ideias quando escreveu o Capitão América, McKenzie deu a seguinte resposta:

Minha maior lembrança do Capitão América foi ver a versão de Jack Kirby pela primeira vez, quando eu era um garoto revoltado. Foi em uma história de *Strange Tales Human Torch*. Oh. Uau! Daquele momento em diante, o Capitão foi um dos meus personagens favoritos de todos os tempos! Que emoção foi quando comecei a roteirizar suas aventuras muitos anos depois! E sim. O Capitão AMA a América. É a América. Lutou pela América na Segunda Guerra Mundial. Na minha cabeça, ele sangra em vermelho, branco e azul. E foi assim que eu escrevi para ele¹⁸.

Com base na declaração do escritor, fica evidente uma ligação com o trabalho de Jack Kirby, e podemos presumir que ao escrever as aventuras do Capitão América ele desejava trazer de volta o patriotismo e o amor pelo país que o personagem expressava em um dos momentos que seu criador produzia suas aventuras. Em suma, o Capitão América de Roger McKenzie era um personagem extremamente patriota, e os vilões que ele enfrentava eram caracterizados como grandes ameaças aos Estados Unidos e ao mundo, conseqüentemente.

McKenzie trouxe de volta William Burnside, o Capitão América da década de 1950, durante uma trama desenvolvida nas edições n. 231 e n. 237 da revista *Captain America*¹⁹ publicadas entre março e setembro de 1979. Burnside retornou como um vilão neonazista chamado de Grande Diretor (*Grand Director*), líder de um grupo de supremacistas brancos chamado de Força Nacional (*National Force*), que usam máscaras e roupas brancas, e ostentam

¹⁸ MCKENZIE, Roger. Interview by Brad Hamlin. Mystery Island Publications, s/p (tradução nossa). *Mystery Island*, 2015. Disponível em: <http://mysteryisland.net/roger_mckenzie.html> Acesso em: 05 mar. 2023.

¹⁹ Essas HQs foram escritas e desenhadas respectivamente por Roger McKenzie e Sal Buscema.

suásticas nazistas em seus braços. Na trama, o Grande Diretor, durante um pronunciamento público, no qual exalta a necessidade de purificar a América (Figura 2), diz que: “A única maneira de assegurar a força da América é fazendo ela pura! Porque uma América branca é uma América Forte!” (MCKENZIE; BUSCEMA,1979, p. 15 (tradução nossa).

Figura 2 – O Grande Diretor proferindo seu discurso racista e patriota.



Fonte: MCKENZIE, Roger; BUSCEMA, Sal. *Captain America*. New York: Marvel Comics, n. 231, 1979, p. 15.

As falas dele são ouvidas por um público formado por brancos e negros, e nenhum concorda com o que está sendo dito. Na plateia está Sharon Carter,

agente secreta que investigava a organização, que também é a namorada do Capitão América. Em um momento de tumulto o Grande Diretor ordena a seus seguidores que coloquem fogo numa grande cruz de madeira, referência a um ato constantemente praticado por membros da Ku Klux Klan, organização supremacista estadunidense. Nisso, todas as pessoas brancas instantaneamente aderem às ideias racistas e começam atacar os negros.

Sharon Carter também muda de lado e começa a fazer parte do grupo extremista. No decorrer da trama o Capitão tenta descobrir o que houve com sua namorada e, ao mesmo tempo, procura impedir que a Força Nacional promova um genocídio no bairro do Harlem. O Capitão acaba descobrindo que parte das pessoas que seguem a Força Nacional foram vítimas de um processo de lavagem cerebral, conduzido pelo vilão nazista Doutor Faustus, que desenvolveu um gás capaz de manipular a mente das pessoas brancas para que passassem a odiar negros. O objetivo do vilão era destruir o Capitão América, dominar Manhattan, posteriormente os EUA e o mundo.

A princípio o Capitão acaba sendo vencido e também sofre uma lavagem cerebral e torna-se um defensor do nazismo – ele até pinta uma suástica em seu escudo – e chega a fazer um pronunciamento na TV reproduzindo o bordão racista da Força Nacional e declarando guerra a toda comunidade negra do país. O Capitão só consegue escapar do efeito do gás devido à intervenção do herói Demolidor (*Daredevil*), que faz com que o protagonista lembre seu amor pelo Estados Unidos ao olhar para seu escudo sem a suástica. Na sequência, ambos trabalham juntos para impedir os planos do vilão e descobrir o que houve com Sharon. Como era esperado, o Capitão consegue impedir os planos de Faustus e descobre que sua namorada cometeu suicídio, pois os membros da Força Nacional quando capturados acionam um dispositivo que incinera seus corpos. Isso coloca o personagem em um período de luto e o faz mudar algumas coisas em sua vida como Steve Rogers; ele deixa de atuar como policial e se torna um negociante de artes, e muda-se de casa.

Quanto ao personagem William Burnside, agora o Grande Diretor, as narrativas não exploram muito sua personalidade e discurso, como havia ocorrido em 1972. Ele também foi vítima do gás de ódio racial de Faustus, porém dado seu estado mental já perturbado ele não foi capaz de se libertar do efeito como o Capitão original. Burnside é apresentado como um homem que está sendo manipulado, ele não tem nenhuma vontade própria e em momentos da narrativa aparece em posição fetal chorando, tentando vencer o domínio de Faustus. Quando fez a lavagem cerebral em Burnside, Faustus, como prova de sua lealdade, o induziu a matar seu amigo Bucky. Inconscientemente, Burnside se lembra disso e lamenta. No final da trama, Burnside comete suicídio utilizando o dispositivo de incineração de seu uniforme.

Nessa nova aparição do Capitão América dos anos 1950 não há nenhuma menção ao comunismo ou ao anticomunismo. A grande ameaça é o racismo e o neonazismo. Burnside era um homem com ideias extremistas, mas que odiava tanto os nazistas quanto os comunistas. Provavelmente se não tivesse sofrido a lavagem cerebral ele não teria aderido às ideias de Faustus, apesar de o seu discurso anticomunista também carregar um grande preconceito racial, similar ao da Força Nacional. As HQs indicam que há uma proximidade entre o discurso macarthista e o nazifascismo, e que com o devido estímulo um extremista anticomunista pode se tornar um nazista. O desfecho da trama, com a morte de Burnside, sugere que na sociedade estadunidense do final dos anos 1970 não há mais espaço para macarthistas e racistas/nazistas. E reforça a posição do Capitão América como um inimigo de todo o tipo de extremismo político/ideológico; fica a dúvida se o personagem representa uma via política mais moderada ou se suas ações só estão seguindo uma tendência do momento.

A narrativa de Roger McKenzie carece de explicações mais profundas em alguns momentos, o ponto forte de sua trama são as cenas de ação. Seu Capitão América não profere grandes discursos ou trava debates ideológicos com seus inimigos. Essa versão do protagonista também não o apresenta mais como um

homem inseguro quanto a seu papel de símbolo nacional. O Capitão de McKenzie é autoconfiante e independente, e chega a brigar e a discutir com agentes federais e militares, pois não está disposto a se submeter à burocracia que essas instituições representam. Esse Capitão América é mais individualista, e ao mesmo tempo está comprometido em ajudar as forças institucionais enquanto um agente especial, que não deve se sujeitar às regras dos demais. McKenzie, em suas narrativas posteriores, foi reconstruindo o personagem como um representante de um país poderoso e altivo, e também muito perigoso.

Nos final dos anos 1970, a Guerra Fria estava passando por um período menos conturbado, a Guerra do Vietnã havia chegado ao fim e a população e o governo dos Estados Unidos tentavam superar o trauma e o desgaste provocado pela derrota no conflito. A não menção à Guerra Fria nessa trama escrita por McKenzie é um sinal de que a sociedade, ou pelo menos o autor, estava saturada de narrativas anticomunistas. Suas tramas focam no racismo, nazismo e em outras ameaças sugerindo uma tentativa de desviar o foco para problemas internos e ameaças anacrônicas, porém plausíveis. Fazer com que os leitores da revista do Capitão América pensem em outras temas, relembrem como foi grandiosa a vitória do país e dos Aliados na Segunda Guerra.

No início dos anos 1980, a Guerra Fria voltou a ter um maior destaque na política externa e na propaganda governamental devido à eleição de Ronald Reagan para presidente em 1981. Durante seu governo, Reagan empenhou-se em diminuir os investimentos estatais em diversos setores e programas de assistência social, dividindo os custos com estados e com empresas privadas. Essas medidas deixaram as camadas mais pobres da sociedade, principalmente a comunidade negra, em situação de maior desamparo e carência. Além disso, Reagan promoveu um “reaquecimento” das disputas com a União Soviética, com a implantação da chamada “Doutrina Reagan”, um conjunto de ideias políticas que visavam a recuperar a hegemonia geopolítica militar dos Estados

Unidos. Essa doutrina foi pautada por grandes gastos com o setor militar, na tentativa de desenvolver um projeto de defesa contra mísseis, “Programa Guerra nas Estrelas” – *Strategic Defense Initiative - SDI* – que não ocorreu como planejado²⁰, e apoio a diversos grupos armados de orientação anticomunista na América Latina e no Oriente Médio.

Nos quadrinhos do Capitão América também ocorreram mudanças. Entre 1980 e 1985, as HQs do personagem passaram a ser escritas por diversos roteiristas, como Roger Stern, J. M. DeMatteis entre outros; nesse período o personagem continuou, em parte, com as mesmas características herdadas dos anos 1960 e 1970. Suas aventuras mantiveram o foco em combater ameaças internas e centraram-se no combate a grupos terroristas e/ou neonazistas, como a Hidra e a Sociedade da Serpente, e o vilão recorrente Caveira Vermelha. A partir de julho de 1985 (edição n. 307), o escritor Mark Gruenwald²¹ assumiu os roteiros da publicação e nela permaneceu até 1995. O escritor estava disposto a dar um novo rumo para o personagem, que estava sob a ameaça de ser cancelado em razão da baixa nas vendas, atribuída ao fato de que o Capitão América e os ideais que ele representava já não atraíam os jovens leitores. Em uma entrevista concedida à revista *Amazing Heroes* n. 146 (1988), Gruenwald afirma que: “Alguns fãs aparentemente querem que eu faça um Capitão América estilo Rambo, faça ele mais agressivo, mais ao estilo do Justiceiro e do

²⁰ Para detalhes básicos sobre o projeto, consultar: LOBO, Carlos Eduardo R. e CORTEZ, Ana Claudia S. “O Programa “Guerra nas Estrelas” e o governo Reagan”. *CADUS*, v. 1, n. 1, jul. 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/polithicult/article/download/23724/17006>>. Acesso em: 06 mar. 2023.

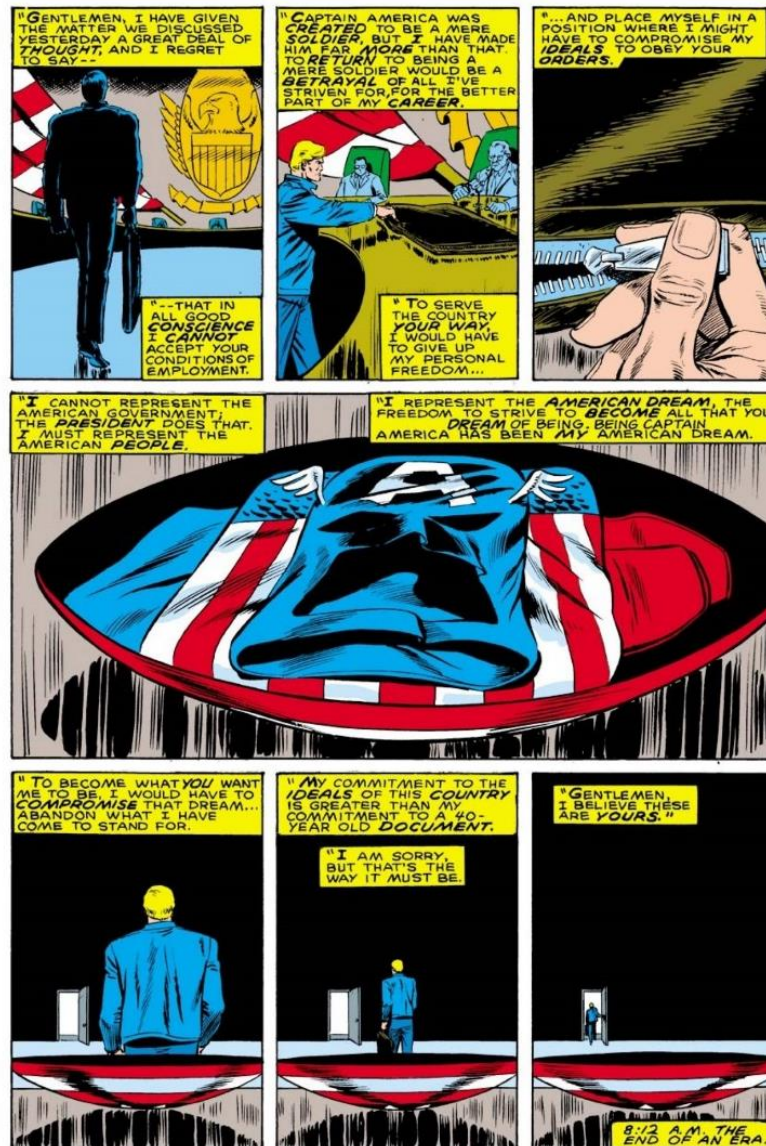
²¹ Gruenwald teve uma carreira bem-sucedida no mercado de quadrinhos, começou como artista de fanzines e rapidamente se destacou escrevendo quadrinhos para a DC e para a Marvel Comics, nesta última chegou a ter o cargo de editor-chefe. Porém, sua carreira foi abreviada devido à sua morte prematura aos 43 anos, em consequência de um ataque cardíaco.

Wolverine”²². Os dois personagens mencionados são respectivamente, um vigilante urbano que mata criminosos e um herói com poderes mutantes membro do grupo X-men, e ambos fizeram um grande sucesso nos anos 1980, apresentando-se como alternativas mais violentas que os tradicionais heróis de quadrinhos. Gruenwald entendia que o Capitão América, Steve Rogers, não poderia se transformar em um herói desse tipo. De seu ponto de vista “seria uma total violação do personagem Steve Rogers como eu o conheço. Então, se eles querem um Capitão assim eu lhes darei, mas não será Steve Rogers” (GRUENWALD, 1988, p. 24, tradução nossa).

O escritor deu início a uma longa trama, difícil de ser resumida, que culmina na edição n. 332 da revista *Captain America*, de agosto de 1987. Nessa edição, Steve Rogers é chamado para uma reunião de um órgão governamental chamado “*Commission on Superhuman Activities*” (Comissão sobre Atividades Super-humanas), que exige que o Capitão América deve se tornar um agente exclusivo do governo, e não pode mais realizar atividades que não sejam designadas oficialmente. Afinal, seu nome e seu uniforme pertencem ao governo estadunidense. Rogers não se decide imediatamente, porém depois de refletir sobre suas ações desde que se transformou no Capitão, e como sua visão de mundo mudou desde que foi descongelado em 1964, o personagem decide deixar de ser o Capitão América e vai até a sede da Comissão para entregar seu uniforme (Figura 3).

²² GRUENWALD, Mark. A tale of two Captains: An Interview with Mark Gruenwald on Captain America by Peter Sanderson. In: *Amazing Heroes*. Westlake Village: Fantagraphics Books, n. 146, August 1988, p. 24 (tradução nossa).

Figura 3 – Steve Roger desiste de ser o Capitão América, pois não pode se sujeitar a ser um simples soldado que cumpre ordens.



Fonte: GRUENWALD, Mark; MORGAN, Tom. *Captain America*. New York: Marvel Comics, n. 332, 1987, p. 24, 1987.

Sua escolha é justificada na seguinte fala:

Senhores, eu pensei sobre o que discutimos ontem, uma grande decisão para pensar, e eu lamento dizer... que em boa consciência eu não posso aceitar suas condições de trabalho. O Capitão América foi criado para ser um mero soldado, mas eu o fiz além disso. Voltar a ser um mero soldado é trair tudo pelo que tenho lutado, ao longo da minha carreira. Para servir o país do jeito de vocês terei que desistir da minha liberdade pessoal...

e me colocar numa posição na qual que terei de abrir mão de meus ideais pra obedecer às suas ordens.

Eu não posso representar o governo americano, o presidente faz isso, eu devo representar o povo americano. Eu represento o Sonho Americano, a liberdade de lutar para obter tudo que você sonha. Ser o Capitão América tem sido meu Sonho Americano.

Para me tornar o que vocês querem, eu teria que comprometer esse sonho... abandonar o que eu represento. Meu compromisso com os ideais do país é maior do que meu compromisso com um documento de apenas 40 anos.

Eu lamento, mas é assim que tem que ser. Senhores, acredito que isso é de vocês. (GRUENWALD; MORGAN, 1987, p. 24, tradução nossa).

No final da passagem, Rogers deixa seu escudo e seu uniforme na mesa da Comissão e sai do local. No trecho, fica evidente que o Capitão América se entende como um representante do povo e como símbolo do “Sonho Americano”; de certa forma essa postura do personagem é condizente com as modificações que ele já havia sofrido em períodos anteriores. O diferencial é que na narrativa idealizada por Gruenwald, Steve Rogers se vê obrigado pelo próprio governo a se posicionar. O personagem assume para si mesmo, e para os leitores, que ele não é um servo do governo, sua luta é por ideais maiores do que o governo e as leis criadas por este. No entanto, Gruenwald não deseja que os leitores interpretem que o Capitão é um personagem que se julga acima da lei, em sua visão ele não está acima da lei. “[...] mas ele quer estar acima dos políticos. E a única maneira de fazer isso é continuar sendo um agente livre” (GRUENWALD, 1988, p. 28, tradução nossa).

Na sequência da trama, Steve Rogers adota um novo uniforme (semelhante ao antigo, mas agora da cor negra) e passa a atuar sob o pseudônimo de Capitão. Ao mesmo tempo, o governo dos Estados Unidos recruta um novo Capitão América, John Walker²³, que era o super-herói que

²³ Para mais informações sobre história do personagem consultar, o seguinte artigo: <<https://comicvine.gamespot.com/usagent/4005-14992/>>.

atendia pelo nome de Superpatriota. O personagem foi criado por Gruenwald e Paul Neary, e tornou-se coadjuvante das HQs do Capitão América a partir da edição n. 323. Walker passou por um processo que lhe deu superforça e agilidade semelhantes às de Rogers, e enquanto atuava como Superpatriota se apresentava como representante dos verdadeiros ideais dos Estados Unidos. Apesar de possuir poderes semelhantes e visualmente ser parecido com o Capitão original, Walker é um homem ambicioso, violento, preconceituoso, não hesita em matar seus adversários e é (a princípio) totalmente obediente às ordens do governo. Essa última característica foi a que o fez se tornar o candidato adequado para assumir o lugar de Steve Rogers.

John Walker é um personagem muito interessante e complexo, quando ele surge como o Superpatriota evidencia-se que ele almeja ser um substituto do Capitão América, pois este já estaria muito velho para o cargo. Walker também deseja ter fama e dinheiro, por isso ele tem seu próprio agente e procura fazer apresentações públicas e ganhar dinheiro com isso. Quando se confrontam, Rogers e Walker têm diálogos pouco politizados; de início o Capitão não vê o Superpatriota como um inimigo, mas entende que novo herói é demasiadamente ambicioso e imprudente, por isso, acha necessário conversar e convencer Walker a moderar suas ações e falas. Já Walker acredita que o tempo do Capitão América já passou e ele é o mais indicado para assumir como novo símbolo dos Estados Unidos. Gruenwald concebeu o personagem para ser o representante do que ele classifica como um uso inadequado do patriotismo, “o lado obscuro do patriotismo”. Walker tem uma abordagem do patriotismo e do “Sonho Americano” bem particular e restrita, de acordo com o autor: “Ele acredita que o Sonho Americano é ficar rico e então se aposentar” (GRUENWALD, 1988, p. 26, tradução nossa).

Enquanto Capitão América, Walker, se envolve em diversas missões perigosas contra terroristas e grupos paramilitares. Grande parte delas termina com a morte de alguém, e ponto alto dessa jornada do personagem é quando

sua identidade secreta é exposta e em consequência disso seus pais são assassinados. A partir desse ponto o personagem se torna totalmente violento e busca se vingar dos criminosos de qualquer forma. Devido a essa insanidade do novo Capitão América, Steve Rogers se vê obrigado a confrontar seu substituto, e isso ocorre na edição n. 350, publicada em fevereiro de 1989. A luta entre os dois ocorre sem diálogos políticos, porém no decorrer da trama eles descobrem que tudo fazia parte de um plano da Caveira Vermelha para destruir o Capitão América e os valores democráticos e liberais que ele representa. Ao descobrirem a existência desse adversário em comum Rogers e Walker se unem e derrotam o Caveira Vermelha. Depois disso, os dois Capitães conversam com a Comissão e fica determinado que Walker deve agir de forma mais moderada. Na sequência os dois conversam a sós, e Walker desiste de ser o Capitão América, pois não aguenta a pressão e o peso que essa função exige, ele é um homem interessado em fama e dinheiro, e atuar como Capitão América não é algo fácil. Assim, Steve Rogers volta a ser o Capitão América.

O desfecho dessa trama demonstra que apesar de serem diferentes, Rogers e Walker podem trabalhar em conjunto. Aparentemente, com esse final Gruenwald procurou demonstrar que as diferentes visões patrióticas dos Estados Unidos podem coexistir de forma pacífica e trabalhar juntos para livrar o país de grandes ameaças e manipuladores que visam apenas destruir os valores morais da sociedade. Para o pesquisador David Walton (2009), a oposição entre Steve Rogers e John Walker é uma metáfora para discutir uma mercantilização dos valores patrióticos. A trama mostra que determinados valores nacionais não podem ser comercializados ou apropriados por pessoas ambiciosas. No entanto, dada a finalização da trama, fica sugerido que a tendência mercadológica não pode ser destruída completamente, pois seria algo que iria contra os valores democráticos e de livre expressão defendidos pelo personagem. A solução seria a moderação dessa tendência e o apoio a livre agentes, como o Capitão América, para garantir que isso ocorra.

Considerações finais

Quando surgiu em 1941, o Capitão América (Steve Rogers) representava as ideias liberais e democráticas do período; e tinha uma forte postura belicista e patriótica voltada a derrotar, ficcionalmente, as forças do Eixo. Sua atualização após a guerra preservou a característica bélica e o transformou em um guerreiro urbano e anticomunista. “Com a ressurreição do personagem em 1964, o supersoldado foi reescrito como “o Sonho Americano”, e o Capitão América tornou-se discursivamente ligado ao imperialismo liberal internacionalista” (DITTMER, 2013, p. 136, tradução nossa). Portanto, com o tempo ele se tonou uma representação simbólica do que os Estados Unidos almejavam ser ou deveriam ser. Ele passou a representar um ideal e: “[...] como um super-herói explicitamente americano ele se estabeleceu ao mesmo tempo como um representante de uma nação Americana idealizada e como um defensor do *status quo* americano” (DITTMER, 2005, p. 627, tradução nossa).

Os ideais que o personagem representa mudaram de acordo com a época e a equipe envolvida na produção de suas narrativas. No entanto, por meio do confronto entre o personagem e aqueles que são considerados seus inimigos, é possível identificar quais ideias ou ações são tidas como inadequadas, e que deveriam ser combatidas e eliminadas da sociedade estadunidense, mesmo que de um ponto de vista imaginário.

Em 1954, o comunismo representava o grande vilão, que deveria ser exterminado a qualquer custo. Nos anos 1960, esse passado do herói foi ignorado. Em 1972, ocorreu uma ressignificação das ações do personagem, seu anticomunismo extremo agora era o inimigo, incorporado por um Capitão América falso, um indicativo de que os Estados Unidos de “verdade” não toleravam, ou não deviam tolerar ações extremadas como as do período macarthista. E as narrativas de 1979 apresentam a mesma perspectiva, agora

vinculando diretamente o macarthismo ao (neo)nazifascismo, e deixando claro que os Estados Unidos na figura simbólica do Capitão América já não se veem representados por discursos racistas e xenófobos, pelo menos no mundo dos quadrinhos. E nos anos 1980 o personagem se assume como um representante do povo estadunidense, seu novo rompimento provisório com o governo estabelece que seu patriotismo está acima das demandas governamentais. Os ideais de Steve Rogers não estão à venda, como os de John Walker. Rogers é o Capitão América porque ele de fato acredita nos ideais sob os quais seu país foi fundado. Seu patriotismo é altruísta e desinteressado. E como ele mesmo afirmou, “ser o Capitão América é a realização de seu Sonho Americano”. Quando Rogers enfrenta suas outras versões e as vence, fica implícito que a forma como ele interpreta os ideais e valores de seu país é a mais correta, ou pelo menos deveria ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, Michael. **Captain America, Watergate and the Falcon**. In: *Intensities, The Journal of Cult Media*, n. 5, 2013, p. 151-176. Disponível em: <<https://intensitiescultmedia.com/issue-5-springsummer-2013/>> Acesso em: 07 mar. 2023.

BANDEIRA, Moniz. **A formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CERENCIO, Priscilla Ferreira. **O escudo da América: o discurso patriótico na revista *Captain America Comics* (1941-1954)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

COSTELLO, Matthew J. **Secret identity crisis: comic books and the unmasking of Cold War America**. Nova York: Continuum, 2008.

DITTMER, Jason. **Captain America and the nationalist superhero: metaphors, narrative and geopolitics**. Pennsylvania: Temple University Press, 2013.

_____. **Captain America’s Empire: reflections on identity, popular culture, and post-9/11 geopolitics.** In: *Annals of the Association of American Geographers*, v. 95, n. 3, p. 626-643, 2005. Disponível em: <http://www.academia.edu/2446135/Captain_Americas_Empire_Reflections_on_Identity_Popular_Culture_and_Post9_11_Geopolitics> Acesso em: 07 mar. 2023.

ENGLEHART, Steve; BUSCEMA, Sal. **Captain America and The Falcon.** New York: Marvel Comics, n. 153, n. 154, n. 155, n. 156, 1972.

GRUENWALD, Mark. **A tale of two Captains: An Interview with Mark Gruenwald on Captain America by Peter Sanderson.** In: *Amazing Heroes*. Westlake Village: Fantagraphics Books, n. 146, August 1988.

_____; MORGAN, Tom. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n. 332, p. 24, 1987.

LEE, Stan; KIRBY, Jack. **Tales of Suspense/Captain America.** New York: Marvel Comics, n. 61, 1965.

_____; COLAN, Gene. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n. 122, 1970.

MCKENZIE, Roger. **Interview by Brad Hamlin.** Mystery Island Publications, 2015. Disponível em: <http://mysteryisland.net/roger_mckenzie.html> Acesso em: 07 mar. 2023.

_____; BUSCEMA, Sal. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n. 231, n. 232, n. 233, n. 234, n. 235, n. 236, 1979.

MORGAN, Ted. **Reds: McCarthyism in twentieth-century America.** New York: Random House, 2003.

MOSER, John E. **Madmen, Morons, and Monocles: the portrayal of the Nazis in Captain America.** In: WEINER, Robert G. (Org.) *Captain America and the Struggle of the Superhero: critical essays.* North Carolina: MacFarland & Company, 2009.

PEDROSO, Rodrigo Ap. A. **Vestindo ainda mais a bandeira dos EUA: o Capitão América pós-atentados de 11 de setembro.** São Paulo: Paco Editorial, 2016.

_____. **A Guerra do Vietnã e suas representações nas histórias em quadrinhos do Capitão América (1965-1970)**. In: Revista Contemporânea, ano 5, v. 2, n. 8, 2015 (p. 1-28). Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/dossie-8-guerras-e-revolucoes-no-seculo-xx>> Acesso em: 07 mar. 2023.

RODRIGUES, Márcio dos Santos. **Representações política da Guerra Fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-994G9X>> Acesso em: 07 mar. 2023.

ROMITA. John. **Captain America... Commie Smasher**. New York: Atlas Comics, n. 76, n. 77, n. 78, 1954.

SAVAGE JR., William W. **Commies, Cowboys, and Jungle Queens: comic books and America, 1945-1954**. Oklahoma: Wesleyan University Press, 1998.

WALTON, David. **Captain America must Die: The many afterlives of Steve Rogers**. In: WEINER, Robert G. (Org.) **Captain America and the Struggle of the Superhero: critical essays**. North Carolina: MacFarland & Company, 2009.

Recebido em Maio de 2023.

Aprovado em Junho de 2023.